

A midiatização do social no rádio: das estratégias discursivas do ator à estruturação de uma rede

Maicon Elias Kroth¹

Resumo

Este artigo analisa as estratégias midiáticas lançadas pelo ator principal (o comunicador João Carlos Maciel) como forma de constituir vínculos com os ouvintes de seu programa radiofônico. Através dinamização de circuitos interativos, faz circular material sócio-discursivo advindo dos atores envolvidos na *semiose* radiofônica proposta. Tais fluxos de interação se tornam uma das principais estratégias, dentre outras, utilizadas por ele para dar sentidos às mensagens e constituir, como efeito, uma rede de mobilização social, em torno de causas sociais, midiatizadas pelo dispositivo radiofônico.

Palavras-Chave: Midiatização; Rádio; Estratégias; Rede

Abstract:

This paper analyzes the media strategies launched by lead actor (the communicator João Carlos Maciel) as a way to form bonds with listeners of his radio program. Through dynamic interactive circuit, circulates materials arising from socio-discursive actors involved in semiosis radio proposal. Such flows of interaction become a major strategy, among others, he used to give directions to the messages and constitute, in effect, a network of social mobilization around social causes, midiatizadas by radio device.

Keywords: Mediatisation; Radio; Strategies; Network

INTRODUÇÃO

Este artigo surge a partir de apontamentos feitos em uma pesquisa² que estudou o programa João Carlos Maciel, apresentado de segunda a sábado, na Rádio Medianeira AM, em Santa Maria – RS.

1 Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – RS. Jornalista e Professor do Centro Universitário Franciscano – UNIFRA – RS.

2 Tese de doutorado defendida em maio de 2012 no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação – PPGCC da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – RS.

João Carlos Maciel é radialista, vereador e mantenedor de um projeto assistencial na cidade. O seu programa radiofônico funciona como uma espécie de matriz, de onde emanam discursos os quais fazem funcionar ações que visam por em funcionamento uma série de atividades de cunho assistencial relativas ao seu projeto e também ao seu lugar no campo político, como a doação de roupas e alimentos, o oferecimento de serviços contábeis e jurídicos gratuitos, remédios de graça, promoção de evento religioso (missa da saúde) e outras atividades sociais.

O que se pretende é fazer apontamentos de como o ator, João Carlos Maciel, partindo de um determinado “lugar de fala radiofônico”, do qual profere estratégias discursivas que se propõem dinamizar, dar vida/movimento a um determinado processo de mediação do social. A sua fala não é a única, mas é atravessada por enunciações que presentificam outras lógicas (advindas de campos sociais como a política e o assistencialismo) bem como, aquelas que emanam dos próprios atores sociais e que tratam de fazer funcionar uma ação do dispositivo em direção à constituição de uma rede de sujeitos que atuam em torno de causas sociais.

Nessas condições, é a partir das operações discursivas de João Carlos Maciel que se pode visualizar a constituição de uma zona de passagens de discursos, na qual dinamiza ações que dão vida a um dispositivo de mediação do social.

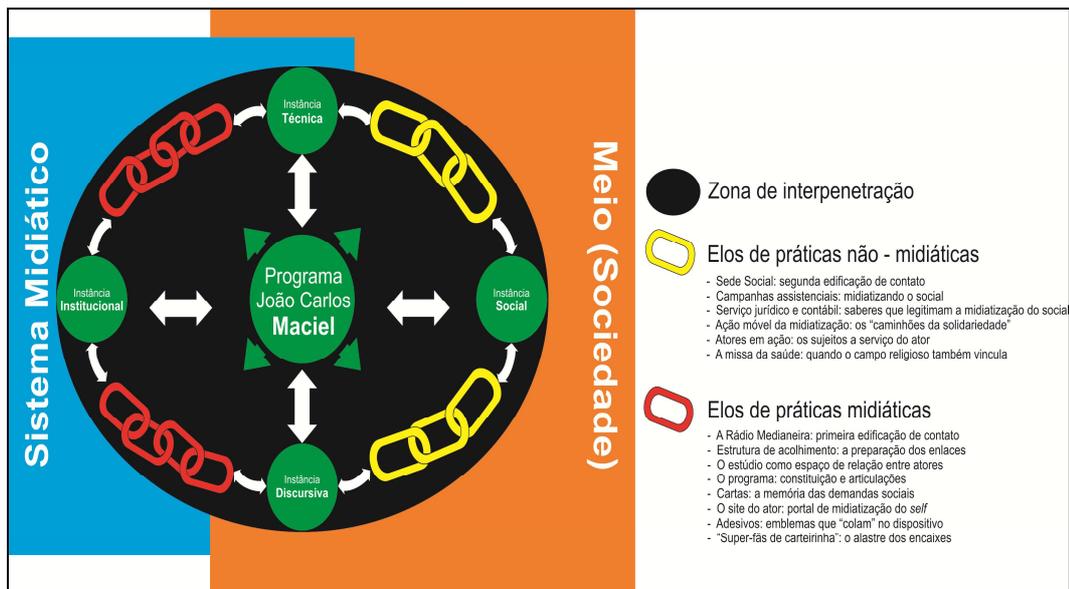
A ZONA DE INTERPENETRAÇÃO

Para compreender a estruturação de um espaço no qual se engendram discursos os quais visam dar funcionamento aos ideais propostos pelo ator principal do dispositivo radiofônico estudado, é necessário mostrar uma descrição dos processos de funcionamento do que passou a chamar de zona de interpenetração, ou seja, um lugar no qual ocorre a articulação das partes de um dispositivo midiático extremamente complexo, chamando atenção para suas especificidades, relações, em suma, mostrando como sistema e ambiente se contatam ensejados por tecnologias convertidas em meios, e também pela racionalidade das práticas sociais convertidas em processos de comunicação.

As observações feitas na pesquisa de campo, os processos observacionais e a leitura de documentos possibilitaram desenvolver a formalização de um modelo que representa um espaço de interação entre sistema midiático e meio (sociedade). Estas

articulações entre sistema e meio, se manifestam, como se disse, através de *elos de práticas midiáticas e não midiáticas*³ mediante a atividade de quatro instâncias (*social, discursiva, técnica e institucional*), cuja constituição e atividade dão vida ao dispositivo.

Zona de interpenetração



Fonte: Produção do autor (2012).

A figura mostra o conjunto da dinâmica constituída pelo sistema e meio, relação esta de acoplagem que se faz em decorrência dos processos de circulação, ou seja, a articulação de circuitos, ou “pontos de articulação” que, na abordagem de Fausto Neto (2010, p.11) “[...] é lugar no qual os produtores e receptores se encontram em jogos complexos de oferta e reconhecimento”, em termos de estratégias de produção de sentidos.

³ O dispositivo radiofônico é constituído pelo que se passou a chamar de *elos*, ou seja, aquilo que representa a estrutura ligada diretamente ao campo midiático. È o que há de materialidades e não materialidades relacionadas ao programa radiofônico, a partir de seu contexto de produção midiática. Neste sentido, configuram-se como *os elos de práticas midiáticas* a Rádio Medianeira AM 1.130kHz, enquanto instituição, sua estrutura, o próprio programa João Carlos Maciel. Também são elos, o conjunto de produtos e operações que se engendram no interior do programa, segundo lógicas radiofônicas, como as cartas enviadas pelos ouvintes, o *site* de João Carlos Maciel, os adesivos do programa e, ainda, a constituição do fã clube. Já *os elos de práticas não midiáticas*, que serão descritos na sequência, são formados pela Sede Social do programa João Carlos Maciel, as campanhas assistenciais, o oferecimento de serviços jurídico e contábil, os caminhões que levam e trazem as doações, a equipe de voluntários que atua na proposta assistencial e a organização da missa da saúde.

A dinâmica do dispositivo, por sua vez, pode ser compreendida através das articulações – das operações que ocorrem dentro do dispositivo, mas, que não repercutem apenas no seu interior, mas também sobre os demais campos sociais, e vice-versa.

Nesse sentido, inicialmente, explica-se que a imagem mostra que as instâncias que formam o dispositivo fazem parte de uma estrutura que possui especificidades, neste caso, radiofônicas, e que, as relações existentes entre estas partes, também estão protocoladas por esta singularidade, assim como postula Fernández (2003), quando afirma que o dispositivo radiofônico em operação, forma um contexto singular de produção de espaços sociais a partir de suas particularidades articuladas. A especificidade se dá pela formação topográfica particular do dispositivo radiofônico estudado.

Ao se identificar marcas singulares, observa-se por seu turno, a constituição de uma zona particular que, nos termos de Luhmann (2009, p. 101): “Consegue produzir sua própria unidade, na medida em que realiza uma diferença”. Essa diferença se estabelece com relação ao meio em que este sistema se encontra, ou seja, a sociedade no qual está inserido.

No dispositivo radiofônico, a diferença com relação ao meio no qual ele está inserido se expressa pelo estabelecimento de suas atividades, a partir de seus próprios limites, mediante operações exclusivas, na qual a comunicação ali produzida desenvolve uma lógica própria de conexão, conforme Braga (2006) com regras que pretendem uniformizar a atenção e capacidade social de resposta à mesma, a ser dinamizada. Ou seja, é a própria atividade autopoietica do dispositivo que “atrai” para uma atividade interativa, elementos do entorno e que por essa atividade serão dinamizados.

O programa constitui-se num espaço de articulação entre as instâncias identificadas e é a partir de sua estruturação e funcionamento produtivo que ocorre a intersecção dos elos. O contato entre o espaço interno do dispositivo e o lado externo (os sujeitos sociais) se dá por meio dos elos, dinamizados pelo discurso colocado em ação pelos diversos sujeitos presentes na *semiose* radiofônica. É pelos elos que o campo midiático afeta os demais campos sociais, e *vice-versa*. As afetações também ocorrem através das instâncias. O programa radiofônico, o que se considera como o núcleo

matricial do dispositivo, está centralizado porque assume a condição de dinamizador da complexidade do dispositivo radiofônico representado pela animação.

Do acoplamento entre sistema midiático (cor azul) e meio (sociedade) (cor laranja) se constitui uma zona específica (de cor preta). Neste ambiente ocorre a articulação de espaços discursivos e não discursivos, os quais advindos de uma gramática (sob condições específicas de produção radiofônica) e de gramáticas dos sujeitos sociais, que seriam os receptores (com suas especificidades de produção em seu ambiente social). Esse cenário, no sentido luhmaniano, pode ser entendido como a produção de uma “zona de interpenetração”, ou seja, um ambiente que emerge em consequência de uma ação do sistema midiático face o meio, permitindo que este se manifeste por meio de operações, mas por aquele sistema dinamizado.

Para esclarecer ainda mais este processo, no mesmo sentido de Luhmann (2009), busca-se o auxílio das postulações de Capra (2006). Ao desenvolver suas teorias sobre interações na área da física, traçando um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental, Capra (2006, p. 166) compreende os fenômenos naturais a partir do conceito de interpenetração, ou seja, “uma inter-relação essencialmente dinâmica”, que acontece não apenas espacialmente, mas também temporalmente. Para o autor, as coisas existem em virtude de suas relações mutuamente consistentes e que o universo é visto como uma teia dinâmica de eventos interrelacionados.

Entende-se que o sistema midiático, agenciado pelo discurso do ator (João Carlos Maciel) a partir do programa de rádio, penetra na sociedade que é codeterminada por ele. E é sobre esta dinâmica que suas práticas se desenvolvem e se manifestam na forma de alguns produtos midiáticos, ou não.

Como um sistema receptor, os sujeitos sociais envolvidos na trama radiofônica também exercem influência retroativa sobre a formação das estruturas (as instâncias, os elos, o programa), intervindo nelas. Essa conexão é agenciada pelo programa. Mas, é preciso também esclarecer que é pela principal operação do dispositivo, ou seja, a constituição de um ator que se constrói um coletivo, ou seja, de acordo com Boutaud e Verón (2007, p. 4), uma comunidade ou uma rede de sujeitos submetidos a “complexas operações [...] nutridas por lógicas individuais”.

O dispositivo radiofônico precisa da dinamização realizada pelo programa e utiliza da construção de atividades interacionais para estabelecer contatos com suas fronteiras

internas e, ainda, com o externo, de forma que as unidades de produção midiática (o que estritamente pertence aos *elos de práticas midiáticas*) afetem diretamente as unidades de produção não midiática (os *elos de práticas não midiáticas*) e vice-versa. Neste sentido, essa processualidade gera novas formas de contato e interação entre as partes do dispositivo e, nesse sentido, dos sujeitos envolvidos atualizando os vínculos estabelecidos na zona de interpenetração.

Assim, depois da descrição da forma e dinâmica do dispositivo radiofônico, é necessário descrever as estratégias discursivas postas em operação (foco deste artigo), enquanto ocorre a dinamização do dispositivo.

DAS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS À ESTRUTURAÇÃO DE UMA REDE

Ao se falar do trabalho do ator, não se fala aqui de um ator consciencial, biológico, cuja efetividade está pensada no meio – mas em um ator complexo, da perspectiva de alguém que realiza da *performance*, segundo postula Goffman (1985), e que se empresta da matéria discursiva para realizar a midiatização do social que faz circular por meio de diferentes operações midiáticas.

Deste lugar e segundo estratégias, engendra tais operações e que visam delas resultar uma rede discursiva/simbólica que se materializa nessa trama, por essa dinâmica lançada. Aqui se retoma a compreensão de estratégias discursivas. A noção de estratégia discursiva se enlaça com o conceito de contrato de leitura, ou seja, de acordo com Verón (2004, p. 174): “O que cria um vínculo entre o suporte e seu leitor”.

Neste sentido, para poder realizar o processo de construção de um espaço que engendra uma rede, o ator engendra algumas operações através das quais pretende desenvolver, dentre outras coisas, uma ação reguladora dos sujeitos, transformando-os, por exemplo, numa espécie de agenciadores de sua proposta assistencial. É graças a esta condição que as operações midiáticas ensejam a existência de um possível lugar de coprodução aos demais sujeitos.

O discurso de João Carlos Maciel visa produzir sentidos porque está situado no quadro enunciativo de interação, que se estabelece regulado de antemão pelo próprio funcionamento do dispositivo radiofônico. Dessa forma, o rádio se constitui como sistema técnico/discursivo/social com suas características peculiares, e que por sua vez, assim como os outros dispositivos em jogo, autonomiza os quadros enunciativos postos

em operação constituindo procedimentos que visam como resultado a construção de um espaço de circulação, ou pontos de contato, constituindo-se, como postula Braga (2011) num dispositivo interacional.

O dispositivo radiofônico constitui um espaço de circulação através da existência e *manifestações* dos ouvintes no estúdio, e que podem dentre outras coisas, usar o microfone para falar. Na presença dos sujeitos, o ator engendra uma espécie de “ajuntamento”, ou dizendo de outras formas, proporciona acoplagens entre discursos. A expressão é utilizada por Goffman (2010, p. 21) para caracterizar uma reunião, um encontro, um agrupamento de sujeitos a partir de regras de comportamento que são comuns a todas as situações e “exclusiva a elas é a regra que obriga os participantes a se encaixarem”.

É neste momento que há uma intersecção com a instância discursiva e social, que compõe o dispositivo radiofônico. Este, dinamizado pelo ator se configura como um espaço no qual, conforme aborda Fausto Neto (2010, p. 12) “as lógicas sobre as quais se fundam as enunciações deslocam os sujeitos discursivos para novos (inter) espaços ou dispositivos singulares [...]”, e a circulação “passa a se constituir em um dispositivo central, uma vez que as possibilidades e a qualidade das interações sociodiscursivas se organizam cada vez mais em decorrência da natureza do trabalho em dar forma à arquitetura de processos comunicacionais”, como no caso analisado.

Nesse sentido, é possível identificar o quadro enunciativo de constituição de sentidos através de uma materialidade verbal, a qual, segundo Rodrigues (2009, p. 124): “Constrói o mundo no seio do qual existe e tem sentido aquilo a que os discursos se referem e que pretendem impor à audiência”.

A utilização de recursos retóricos da linguagem, entendidos aqui como processos destinados a manipular os interlocutores, são inevitáveis quando identificamos, nas estratégias discursivas de João Carlos Maciel, os encaixes das relações entre as instâncias que formam o dispositivo radiofônico. O que se percebe é a construção de um espaço relacional entre Maciel, os colaboradores que atuam nos diferentes espaços de sociabilidade que constituem o dispositivo, e que passamos a chamar de *elos de práticas midiáticas* e *práticas não midiáticas* e, também, os sujeitos de fora (ouvintes, etc.) o qual permite, portanto, a constituição da zona de contato entre sistema midiático e meio (sociedade).

Para compreender o funcionamento das operações midiáticas colocadas em ação pelo ator para constituir vínculos com os demais sujeitos na semiose radiofônica, descreve-se e analisa-se alguns fragmentos da fala de João Carlos Maciel, em diferentes programas levados ao ar ao longo do período de doutoramento, ou seja, de março de 2009 a maio de 2012. Tais trechos da fala dele e de coenunciadores que se fizeram presentes nos fluxos interativos propostos pelo comunicador, evidencia-se marcas da tessitura de uma rede que se constitui a partir dos assédios do ator.

Ao fazer uso do microfone, João Carlos Maciel midiatiza as ações que envolvem a mobilização dos ouvintes/militantes/fiéis até a “Missa da Saúde”, que se constitui como um *elo*, num contato realizado com sujeitos dentro do estúdio.

Maciel: Oh, Fátima, eu to recebendo no estúdio duas amigas, a Grasiela Siqueira, da Maringá e também a Grasiela dos Santos Weber, são duas Grasielas. Graciela e Grasiela. São Irmãs?

Graciela: Não.

Maciel: Quem é a Grasiela?

Grasiela: Eu.

Maciel: Pois é, lembrando que sábado que vem há a grande missa do Dia das Mães, a Missa da Saúde, a nossa Caravana da Fé, indo até Itaara, no sábado que vem, a grande Missa da Saúde. Vou convidar a Grasiela e a Graciela para ir com a gente, que estão aqui no estúdio. Vocês duas, vão com a gente?

Grasiela: Eu vou Maciel. Sempre que possível, dou um jeitinho.

Graciela: Eu quero ir. Mas não sei como fazer. Tem ônibus, né, Maciel?

Maciel: Tem, sim. Vocês têm que prestar mais atenção no programa. Pro pessoal que está em casa, peguem a senha de embarque aqui na recepção da Rádio Medianeira ou na Sede do Programa. É só pegar a senha de embarque, a passagem é gratuita. Convide sua família em casa, é gratuito. Ônibus fretados pelo programa, sábado que vem de novo, vamos estar na grande Missa da Saúde. Você não pode perder, hein. Você que precisa de ajuda, que precisa da bênção de Nossa Senhora, de Deus Pai. Você que precisa agradecer por uma bênção alcançada. É sábado que vem, Tá bom?

Nos enunciados acima, se percebe a conexão que ocorre entre os elos que formam o dispositivo analisado. A sua ação é agenciada pelo discurso do apresentador. Ao midiatizar o evento, Maciel já midiatiza a si próprio, como forma de autorreferenciar uma ação que parte do programa à comunidade, envolvendo os sujeitos colaboradores do campo midiático e não midiático, quando orienta que os ouvintes devem fazer atenção ao programa (numa espécie de operação coreferencial) e devem buscar a senha de embarque tanto na emissora, quando na Sede Social do programa.

Ainda observando o fragmento, o objetivo do ator é estratégico, ou seja, a partir dos elos engendrados, ele oportuniza diversos momentos de contato direto com os demais sujeitos, com os quais pretende constituir um espaço de vínculo, dentro e fora do programa propriamente dito.

Isso ocorre, por exemplo, no contato no estúdio, na Sede Social, na promoção do “Natal do Amor Maior” e na “Missa da Saúde”, eventos promovidos pelo programa radiofônico, como se pode identificar nos enunciados. O ator indica que as participantes do programa, no estúdio, assim como os ouvintes em casa, que se desloquem até a “Missa da Saúde”. No local, o ator pode contatar cara a cara com os sujeitos.

Essa “ocasião social”, expressão de Goffman (2010, p. 28-9), neste estudo, constituída estrategicamente pelo dispositivo radiofônico como um elo de contato, explica a constituição de um acontecimento ou a realização de um evento social mais amplo, o qual fornece:

O contexto social estruturante em que situações e seus ajuntamentos têm probabilidade de se formarem, dissolverem e reformarem, e um padrão de conduta tende a ser reconhecido e (frequentemente) oficial [...] Durante uma ocasião social, um ou mais participantes podem ser definidos como responsáveis por colocar o acontecimento em marcha, orientando a atividade principal, terminando o evento e mantendo a ordem.

Maciel introduz o seu discurso a partir de provocações dirigidas por narrações de práticas sociais, que nada mais são do que narrativas do dia a dia da comunidade de ouvintes, que o colocam no lugar de mediador ou de porta voz dos que recorrem a ele para reclamar e buscar alguma solução, seja por meio do campo midiático, fazendo a mediação do problema e que poderá incorrer em alguma reação por parte do poder público, no caso a prefeitura que administra o posto de saúde, ou mesmo recorrendo a ele próprio como representante do Poder Legislativo do município e que teria, nesse sentido, a possibilidade de intervir como tal.

Maciel, nessas condições, a partir da sua condição legitimada de mediador, transforma o relato do ouvinte na condição de sua própria existência, encontrando seu lugar na pluralidade discursiva em jogo, ou seja, são as demandas dos ouvintes que

viabilizam o programa, dando-lhe vida e possibilitando a materialização de sua ideologia.

Isso se vê quando o apresentador ganha autoridade por meio das estratégias discursivas, estabelecendo fluxos interativos nos quais a autorreferencialidade aparece com marca significativa do poder de dinamização de práticas sociais que possui em mãos.

Maciel: Zenaide, as máquinas devem voltar logo, não é.

Zenaide: Claro. Deixaram tudo aqui daquele jeito, Maciel, aquele dia que as autoridades tavam tudo aqui, agora sumiram. E agora não aparece ninguém.

Maciel: Pois é, outro dia tava a governadora por aqui. Eu nunca tinha visto tanto policial na minha vida.

Zenaide: Ta vendo Maciel. Ai que eles querem aparecer!

Maciel: Pois é [...] tem muito que mudar ainda, né Zenaide!

Zenaide: Aqui é obrigado as máquina volta. Se chover as crianças não consegue ir na aula Maciel. Mas to loca.

Maciel: Aqui fizemos uma amostragem pro ouvinte, não sei se tu lembra, de um repórter que foi falar sobre os problemas nos bairros de Santa Maria.

Zenaide: Não, eu sei, a parte do Maciel, eu sempre digo, a parte do Maciel ele sempre faz.

Maciel: Faço sempre, sempre, embora eu não devo nenhuma resposta a ninguém a não ser ao meu fã, meu ouvinte, aquele que me acompanha, sabe do meu trabalho, a esse eu devo todas as explicações possíveis. Tá, então tá bom.

Zenaide: Não, mas obrigada, Maciel.

O diálogo mostra que o ator está em busca da constituição de uma espécie de discurso pragmático – intencionando resolver os problemas que lhe são dirigidos no ato da fala. São elementos do discurso, de uma racionalidade discursiva, que ao mesmo tempo, diz o que atribui ser o verdadeiro e prescreve o que é preciso fazer, como postula Goffman (2010, p. 21) quando afirma que: “A regra de comportamento que parece ser comum a todas as situações e exclusiva a elas é a regra que obriga os participantes a se encaixarem”.

Esta proposta de regulação pode ser observada quando Maciel incita o ouvinte a procurar o programa ou a sede social para buscar soluções para seus problemas. Ele os ensina como devem operar e para onde se dirigir para buscar soluções. Ensina, a todo instante, também, como devem falar.

A ordem discursiva do ator é, no fundo, de caráter instrumental para padronizar os processos de interação e, desta forma, dinamizar os entrelaçamentos das instâncias do dispositivo radiofônico. É para entrar na lógica da mediação, ou seja, falar no rádio, no programa, especificadamente. Uma fala que não seja qualquer fala, mas sim, que esteja inserida no contexto espaço temporal que se institui como radiofônico, ou seja, a partir da singularidade que tem a *semiose* deste programa, precisamente, como no fragmento abaixo:

Maciel: A Maria Lúcia está em busca de emprego está aqui. Bom Dia?

Maria Lúcia: Bom Dia.

Maciel: Que a emprego a senhora procura?

Maria Lúcia: Eu quero arrumar um emprego numa empresa ou cuidar de criança ou pessoa idosa, qualquer serviço eu quero trabalhar. Eu tenho quatro filhos, mas meu marido tá desempregado.

Maciel: Mora onde?

Maria Lúcia: Eu moro lá na Lorenzi

Maciel: Atenção Lorenzi. Daqui a pouco alguém por lá te oferece o emprego que você tá pedindo, de doméstica, ou cuidar de criança, cuidado de pessoa idosa, ou babá, qualquer tipo de serviço que dê pra trabalhar eu quero. Nós ouvimos, Carlão, o apelo técnico, não é. A gente houve muito: Sou ferrador e procuro emprego de ferrador. Moro em tal lugar e quero trabalhar. Mas isso é um apelo técnico. Não é um apelo profundo, de quem vem até o microfone de rádio, com argumentação. Não é assim, gente. Sou uma pessoa de confiança, tenho referência, preciso trabalhar, quero trabalhar! É assim. O ouvinte tem que sentir isso, o ouvinte tem que sentir no ar aquilo que o coração da pessoa coloca aqui no microfone.

Diariamente, Maciel faz apelos à comunidade, para que se engaje no projeto social organizado pelo programa.

Para que ocorram as ações de doação, recolhimento das mesmas e distribuição dos objetos, o comunicador faz uso de um discurso fático, sendo redundante em sua enunciação. Pode-se inferenciar que a instância discursiva constitui-se não apenas como um dos modos de exibição das práticas dinamizadas pelo ator, o que corresponde à intenção de buscar credibilidade, mas também de espetáculo.

Sempre quando se autorreferencia, o ator vai se construindo no momento em que dinamiza as operações de conexão das instâncias do dispositivo. As conexões são ocasionadas pelo trabalho enunciativo do ator que media as ações que estão em andamento e seus resultados junto à comunidade, ou seja, o ator se manifesta com um cidadão ideal, legitimado por seus pensamentos, palavras e efetividade de ações e seus cúmplices nesse processo.

O êxito da interpelação se revela na capacidade do discurso procurar ocupar o espaço no mundo das significações que constituem os sujeitos envolvidos na trama do programa. E essa construção do sujeito como ator social e os novos contornos que ganha a construção dos sujeitos que são enunciados pelo comunicador, visa introduzi-los no âmbito do funcionamento do dispositivo. Para isso, o ator formula o que se pode chamar de razões para interagir, ou seja, conforme postula Goffman (2010) entende que pessoas que não se conhecem, prescindem de um motivo para entrar numa situação de engajamento.

No fragmento a seguir, há o reconhecimento dos sujeitos, ou seja, enunciações as quais colocam os ouvintes/militantes/fãs/voluntários em uma posição que lhe permite obter destes um comportamento que não teriam, não fosse a sua intervenção. Este quadro enunciativo, também mostra as interações dos campos sociais (político e midiático, neste caso) que se acoplam a partir do trabalho do dispositivo radiofônico. Temos a fala de uma ouvinte, por telefone, do ator dinamizador e da assessora de gabinete do vereador João Carlos Maciel.

Sílvia: Maciel, se não fosse tu falando pela gente, isso não ia melhorar. O pessoal aqui da rua tá pedindo providência, faz tempo, Maciel. E só se uniu por que tu começou a falar no rádio. Começou a dizer pra gente se mexer, todo mundo junto. Não custava nada a prefeitura vir aqui fazer um trabalho com capricho, não isso que tá aí. Então a gente tem que ir onde a gente pode. Daí fui na Câmara, em nome do pessoal aqui. Até gente que eu não conhecia antes, me procurou pra falar. Daí fui na Câmara. A Júlia me recebeu muito bem, Maciel.

Maciel: olha, eu tenho recebido elogios aqui. Não sabe quantos, quantos. O tratamento, o carinho, o amor, né, que a nossa equipe trata o nosso povo. [...] Podemos não conseguir, mas não desistimos da nossa luta nunca, não é Júlia Ribas?

Júlia: é isso mesmo Maciel, a gente tá aqui, lutando, todo dia. O gabinete tá aqui, pra isso. Eu quero agradecer a lembrança da Sílvia, Maciel. A gente sempre faz de tudo pra atender o pessoal. É que nem tu disse, Maciel, a gente não desisti. Por isso que o pessoal confia na gente.

A eficácia indutora parte de uma certeza da verdade sobre o que ele está dizendo ao ouvinte. Ele mesmo autoconstrói sua imagem para que efetivamente possa constituir um sentimento de necessidade do que deve ser realizado e que é, no caso, a dinamização de práticas sociais da recepção radiofônica, estendendo sua persuasão sobre quem

participa de forma voluntária do projeto assistencialista que mantém paralelamente ao programa de rádio.

Ele subentende em suas falas, que é preciso que esse discurso seja não somente decodificado por estes sujeitos, mas que este discurso também seja constantemente lembrado, como presença permanente na mente, que permita que a ele se recorra sempre que necessário. Essa continuidade faz com que uma ritualidade seja manifestada por meio da audição diária e que está impregnada de estratégias discursivas de cotidianidade, sim, mas também de uma temporalidade que se afirma ao longo do tempo.

A estratégia do ator é lidar com a multidiversidade de sujeitos com quem interage. São ouvintes, pessoas carentes, militantes, são as *fãs de carteirinha* que recebem do ator a idealização de sua fachada, conforme Goffman, (1985, p. 40): “Moldada e modificada para se ajustar a compreensão e às expectativas da sociedade em que é apresentada”. Esta fachada pode ser vislumbrada pelo discurso do ator, ou seja, o fato deste discurso, dos dizeres emitidos a partir de sua fachada, visar resposta ao apelo lançado pela comunidade de ouvintes.

Neste momento, a instituição radiofônica, o programa em si, ao colocar em prática sua ação, conectado diretamente com o projeto assistencialista, efetivamente constitui-se num dispositivo institucional, pois institucionaliza o discurso, ou seja, sua *performance*, operacionalizada pela fachada, nos termos de Goffman (1985) envolve o ator e os demais sujeitos num processo de institucionalização, incorporando no ambiente social sobre o qual opera uma espécie de padronização de discurso, visando a legitimação do mesmo.

Nesse sentido, por vezes, o ator lança mão de estratégias de gestão do poder que possui, falando para os outros com um enunciador de um ideal social, um ideal que perpassa outros campos sociais, como o religioso. Assim, o programa, em alguns momentos, se torna igreja, e ele, o ator num mensageiro de causas e convicções religiosas, supostamente ocupando uma posição intermediária entre um outro sujeito, da ordem do divino, e os demais sujeitos, constituindo um espaço de celebração religiosa, um oratório doméstico, o que é um elo, um ponto de contato, parte da estrutura da formação de um extrato coletivo.

Por meio do acionamento do campo religioso, afetado pelo midiático, o ator consegue estender o seu campo de representação. Estrategicamente, com o propósito de estabelecer uma definição favorável de si e de seu programa, Maciel projeta suas concepções a respeito do campo religioso. Ele sabe que a comunidade religiosa, é na grande maioria católica. Esse aspecto cultural é midiaticizado por meio de enunciados que dizem respeito a uma equipe de representação.

O ator evidencia, por meio do microfone, o grupo de sujeitos que cooperam na encenação de algo, que se tornou uma rotina por meio do dispositivo radiofônico, ou seja, a interação dos sujeitos com o programa com vistas a midiaticizar suas práticas no campo religioso, como se pode evidenciar no fragmento a seguir.

Deus abençoe a todos os meus amigos. Ao Moacir, em Camobi, alô Moacir, a ti e a família toda, Deus abençoe. Obrigado também por me ouvir toda manhã! Para esta família que vai para Brasília, obrigado pelos que colaboram com trinta reais, cem reais. Alô, Helena da Rosa, que nos ajudou com vinte e cinco reais. Helena sempre nos ajudando em várias campanhas! Essa é a força de ajuda dos fãs do programa. Obrigado pela audiência! Ao Vicente Costa, alô Odete, Deus abençoe a todos. Adine Inácia Carbonel Dias, alô e toda a família. Bençãos e graças, em nome da família, em nome da Fátima. Essa turma muito grande. Entregamos a Deus. Alô Sônia, Eva. Neste momento imploramos ao nosso Deus, todas as bênçãos no teu trabalho, na tua casa, no lugar onde tu estás neste momento. Vamos pedir ao nosso Pai maior. Senhor, em ti depositei a minha confiança. Vós que sabeis de tudo, pai e senhor do universo, sois o rei dos reis, voz que fizeis o morto viver e o leproso sarar, fazei que neste momento eu alcance a minha bênção, a minha graça, voz que vistes a minha angústia, a minhas lágrimas, bem sabeis, senhor, o quanto necessito alcançar essa bênção que voz peço. Ajudai-me senhor, nessa conversa, nessa oração contigo, eu suplico a tua ajuda, a tua interferência, a tua intercessão, e a ti rezo neste momento com toda a minha fé, buscando a graça, buscando a bênção, Ave Maria [...] (MACIEL, 2010).

Nesse sentido, a institucionalização do discurso midiático pode ser analisado a partir de marcas do fechamento do quadro enunciativo operado pelo dispositivo radiofônico que confere admiração, sedução, envolvimento e cooptação às interações específicas do discurso que o utiliza como suporte. A inserção de um bloco especial, com hora marcada (nove horas da manhã), ou seja, o Momento de Fé é estratégico para constituir um ponto de vínculo do sistema midiático com o meio em que o dispositivo funciona como zona de interpenetração.

Por meio da afetação do campo midiático sobre o religioso, o ator formula enunciados, os quais mobilizam os demais sujeitos. Sugere um discurso edificante, de

apelo à fé, aos princípios cristãos e que, de alguma forma, articulado pelo dispositivo, funciona como estratégia de interação.

Alguns enunciados funcionam como um *start* do processo de mobilização assistencialista, o que se configura como resultado da inserção do discurso radiofônico, no contexto do mundo da vida dos demais sujeitos envolvidos, ressaltando que as ações dos demais sujeitos exigem um esforço de agrupamento, de uma estrutura social, num processo de estabelecimento de uma relação fechada, e, que tem ele, o ator, a figura do dirigente, do coordenador, conforme suas observações no fragmento a seguir.

Você que está em casa, nos ouvindo todas as manhãs, se tiver alguma peça de roupas, um calçado que não esteja mais utilizando, leve até a Sede Social do programa. Colabore conosco. O Caminhão da Solidariedade vai até a sua casa e busca a sua doação. Olha, nós somos o único no Brasil que tem isso. Vamos buscar sua doação em sua casa. Qualquer coisa será bem-vinda, minha amiga. Alguém pode estar precisando. Junta uma aqui, junta outra ali, e vamos formando um grande trabalho social, coletivo, juntos. Que nem uma equipe. Quem sai ganhando é quem participa do programa, que ajuda o nosso projeto social (MACIEL, 2011).

O ator no fragmento fala que tem um projeto social, e para tanto, precisa midiaticizá-lo. Neste sentido, o que se vislumbra é que o conjunto de operações enunciativas lançadas pelo ator constitui um espaço singular de acolhimento, estruturado sob o oferecimento de novas formas de interação, segundo estratégias retóricas de caráter mobilizador. A midiaticização do projeto, de modo autorreferencial, como se vê no fragmento acima, é uma das estratégias do ator, como forma de manutenção da proposta que se oferece à sociedade e que faz funcionar o dispositivo, dentro das lógicas a que estão submetidas às ações desencadeadas.

A instabilidade da proposta assistencialista se verifica na possibilidade dos atores sociais envolvidos com a trama não se fazerem presentes no processo, inferindo-se que os laços de vínculo estabelecidos são atados e desatados constantemente, como explica Latour (2008) quando postula que, os tipos de relações que se estabelecem hoje, podem não serem meramente sociais, mas um contínuo movimento de remontagem.

O que se identifica, no dispositivo, é que há um esforço contínuo, uma tentativa esmerada de manter a constância e a estabilidade da rede social que constitui. Os elos do dispositivo se cruzam, como no exemplo, abaixo.

O enlace dos sujeitos se dá via campo midiático, através de um dos *elos de práticas não midiáticas*, o serviço de assistência jurídica. Aqui, o advogado faz parte da equipe do ator. Sua fala contribui com a estratégia de interação lançada como se fosse um “tipo de conluio” conforme Goffman (1987, p. 78) ou entendimento que se ajusta no manejo com as impressões que se quer passar.

Assim reconhece-se que os campos midiático e não midiático representados pelos elos identificados anteriormente, desenvolvem a construção de um espaço de circulação pública que institui possibilidades de respostas às demandas que continuamente são formuladas às demais instituições. O dispositivo midiático vai se constituindo numa possibilidade de dinamização da vida dos cidadãos (um certo tipo de social) através do oferecimento de suas instruções e competências, midiaticizadas pelas operações discursivas do dispositivo.

Como se discutiu ao longo do texto, a fala do ator é complexificada, a partir do atravessamento de outras falas advindas de interlocutores que fazem parte do dispositivo, assim como dos demais, que ingressam nos circuitos por meio das diversas ações interacionais propostas para dar dinâmica a uma rede discursiva que midiaticiza o social. As estratégias discursivas, fundamentadas em recursos retóricos, operam o entrelaçamento dos *elos de práticas midiáticas* e *elos de práticas não midiáticas*, assim com as lógicas que permeiam a *performance* do ator.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estruturação do dispositivo se faz a partir de duas dimensões, segundo descrição que aqui se fez de *elos de práticas midiáticas* e *elos de práticas não midiáticas*. Ambos, articulados, produzem as interações reguladas por ele e que, nessas condições, a partir de seus mecanismos próprios de funcionamento, estabelecem um processo de relações entre lógicas e operações do campo midiático com outros campos sociais e vice-versa, resultando dessa dinâmica a emergência de uma rede de funcionamento de uma determinada ação social.

No processo de circulação comunicativa, as pessoas que acessam o programa se tornam uma espécie de coagentes de midiaticização desse projeto social ou mesmo podem ser chamados de “atores” do processo da constituição e funcionamento de circuitos comunicativos, capazes de “arrebanhar” novos sujeitos ao contexto de tal ação social.

Os campos sociais, ativados para um trabalho operativo do dispositivo, participam do processo de mediação do social. Resulta que suas afetações constituem o dispositivo e interferem nos modos de como as operações do campo midiático são executadas para implementar este projeto. Isso se vê ao identificar os modos como o ator põe o dispositivo em funcionamento, a partir de sua *performance*.

Essa *performance* opera segundo estratégias e táticas e uma delas é absorver marcas do âmbito receptor para que, por meio dos processos midiáticos, constitua uma identidade única para o programa, da qual escapariam fragmentos de outras identidades.

Sem dúvida que os sujeitos comuns, ao adentrarem a “zona de interpenetração”, ativados por meio dos circuitos interativos, se tornam coenunciadores atravessados pelos campos sociais e passam a protagonizar a cena social, deixando de ser apenas mediadores. Imprimem afetações, a partir de sua complexidade, das lógicas próprias, que trazem consigo. Isso é uma estratégia que visa maximizar a instantaneidade da circulação dos discursos levado ao ar, potencializando a constituição de novos circuitos a diante.

O ritmo da circulação está regulado pela estratégia discursiva, que visa abreviar o tempo de acesso dos sujeitos que vão ao programa e da circulação do conteúdo gerado a partir dos fluxos interacionais. A natureza do trabalho midiático admite que os demais campos deixam-se afetar, bem como se vê também afetado por vozes do “mundo da vida”. É fundamental especificar que tal trabalho midiático não se apresenta com um trabalho receptor, pois é ele quem submete essas vozes à sua sintaxe. Mas deve-se também reconhecer que em outros níveis de interação, que se fazem ao longo do processo, os indivíduos também se destacam como mediadores dessa ação social, uma vez que, dentro da zona, eles são operadores dos sentidos que aí se engendram, a tal ponto que isso se manifesta na conversação do dia a dia ou nos arranjos que eles fazem para participar da ação e, finalmente, para capturar novas adesões para este projeto.

A lógica do programa é altamente voltada a um processo de conversação sobre a cotidianidade dos sujeitos. O que se quer dizer é que essa atividade interacional institui a noção de um certo social que repousa sobre a existência de uma rede na qual a problemática do “aqui e agora” parece ser equacionada.

Sabemos que as mídias, em muitos contextos e circunstâncias de programas em desenvolvimento, especialmente de caráter educativo, de saúde, etc, estiveram sempre

engajadas em atividades do “campanhismo”, visando disseminar novas práticas e adoção de informações utilitárias. Porém, a experiência aqui analisada mostra que o dispositivo radiofônico, posto em funcionamento nos moldes descritos, transcende a essa dimensão acima apontada, bem como a de um mero mediador, na medida em que ele funciona como próprio operador de organização de funcionamento do projeto social.

Muitas das ações que se desencadeiam no âmbito dos elos e nas articulações entre os mesmos, são resultantes de um trabalho midiático que, nessas condições, tem uma atividade “protagônica”, especialmente na constituição de sua transformação em uma rede, nesse processo de mobilização. Possivelmente um novo tipo de discurso surge neste ambiente de novas interações que organizam a midiatização do social.

Pouco se sabe de um lugar interno sobre o funcionamento mais profundo desta rede. Algo que talvez exija novas pesquisas. O que se pode afirmar é que este dispositivo, através de seu principal operador, realiza um conjunto de operações que visam construir formas de acesso e contato entre a sua instância de produção e dos atores sociais. Sobre os mecanismos de constituição de tal rede esta pesquisa reconhece poder ter reunido e aqui mostrado algumas marcas das ações engendradas pelo dispositivo e seu ator, no sentido de também, preparar através de estratégias enunciativas, respostas que pretende obter.

Os fluxos interativos postos em operação e as respostas derivadas dos circuitos constituídos a partir do dispositivo levam a supor que se desenvolve aí determinada ação comunicacional contínua e que vai adiante, ou seja, que vai se ampliando em forma de rede, no corpo social. Essa se desdobra segundo um processo de circulação que não só articula e mescla os *elos midiáticos* e *não midiáticos*, mas também as lógicas dos diferentes mundos que nela se fazem presentes.

REFERÊNCIAS

- BRAGA, José Luiz. Dispositivos Interacionais. Trabalho apresentado ao Grupo de trabalho Epistemologia da Comunicação, do XX Encontro da Compós, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: Junho de 2011.
- FAUSTO NETO, Antônio. A circulação além das bordas. In: FAUSTO NETO, Antônio; VALDETARO, Sandra (Orgs.) *Mediatización, Sociedad y Sentido – Diálogos entre Brasil y Argentina*. Colóquio Mediatización, Sociedad y Sentido, Rosario: Universidad Nacional de Rosario, p. 2-15, ago. 2010.

- FERNÁNDEZ, José Luis. *Conductores de shows radiofónicos. Orden en el caos*. III Congresso Internacional Latinoamericano de Semiótica. São Paulo, 1996.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.
- _____. *Comportamento em lugares públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- KROTH, Maicon E. *As estratégias de produção e transmissão de um programa de rádio de auditório itinerante: estudo de caso do programa Gente Nossa, da Rádio Venâncio Aires 910 AM*. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação, Faculdade de Comunicação Social, (PUCRS), 2006.
- LATOUR, Bruno. *Reensamblar lo social: una introducción a la teoría del actor-red*. Buenos Aires: Manantial, 2008.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. Considerações preliminares sobre o quadro enunciativo do discurso midiático. *Revista ECO-Pós*, Rio de Janeiro: v.12, n. 3, set./dez. 2009.
- VERÓN, Eliseo. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.